

Questionando o amor. O Heptamerón de Margarita de Navarra.

Andrés Barbarosch (EFA)

Lacan, numa *Resenha do Seminário de Ética*, dá uma definição que me interessa retomar: "A análise revaloriza o desejo no princípio da ética. A própria censura, a princípio a única figuração da moralidade, extrai dele toda a sua energia. Parece não haver outra raiz da ética.

A leitura que leva adiante o *Projeto de Psicologia* de Freud, com o qual promove a interrogação ética em nossa prática, o posiciona nos antípodas do cientificismo de um Kris, que se encarregou de editar o ensaio encontrado na correspondência Freud-Fliess. , que deu à publicação de forma fragmentária, um eufemismo para a censura que exerceu sobre ela.

Kris, historiador da arte, curador em meio período do *Kunsthistorische Museum*, psicanalista em meio período, próxima dos Freuds, emigrou para os Estados Unidos com a diáspora analítica como a maioria dos vienenses. Lá ele lutou pela validade científica da psicanálise e por sua aceitação pela profissão médica.

Muito mais jovem, também vienense e emigrante como ele, próximo da família Kris.

Eric Kandel, meio psicanalista meio neurofisiologista, que no ano 2000 ganhou um Prêmio Nobel de Biologia Molecular por sua pesquisa sobre a memória de um molusco, a *Aplysia*.

Para quem a química do cérebro abriu as portas para negócios com laboratórios e no campo das neurociências, foi homenageado com a estranha frase isolada de Freud, como o desejo de reduzir os fenômenos a fatores físico-químicos.

Existem outras possibilidades nesta área. Siri Hustvedt trabalhou seriamente em arte, psicanálise e neurociência com uma sensibilidade para o inconsciente sob um título que ainda ressoa em nós " *La mulher que olham para homens que olham para mulheres*".

Lacan considera a mulher no plural, tecendo.

Norberto Ferreyra levanta a distinção entre cultura e civilização, para as mulheres.

Quanto ao mal-estar na cultura, Freud levanta uma desordem essencial da sexualidade, isso implica passar pelas leis da palavra, não é algo químico, embora implique processos químicos. Além das reflexões finais de Freud sobre a ética, quero voltar à forma como ele conclui com uma pergunta: poderia Eros prevalecer de uma vez contra Tanatos? Como dizê-lo, sem receber a objeção de não atender a mistura e desagregação das pulsões?

- Com o desenvolvimento da ciência a serviço do negócio laboratorial, mesmo considerando seus eventuais efeitos benéficos, ganha a Tanatos.

Em oposição a esse abraço de urso da Ego Psychology com o discurso da ciência, Lacan não parou de retornar à ética da psicanálise, no Seminário XX ele se propôs a refazê-la, no Seminário XXI ele continua sua reformulação interrogando o amor . Nesse caso, se falamos de amor, é pelo lugar que ocupa na análise, na transferência, como amor ao saber. Há analistas que consideram a transferência um artifício, algo característico da psicanálise. Lacan não compartilhava dessa opinião, o que a análise do amor pela transferência capta pode nos levar aos detalhes de sua composição. O amor transferencial é uma condição de análise, embora o amor como transferência exista fora da análise. A transferência envolve outras questões que não estão relacionadas ao amor. Em outro nível, como fazer como analista na transferência contra a reação terapêutica negativa, a monotonia do fantasma, a oblatividade? Eros pode prevalecer pela primeira vez contra Thanatos? Lacan faz uma trama detalhada sobre o amor cortês no Seminário VII, percorre autores antigos e medievais, críticos literários, em sua maioria homens, apenas uma mulher, Margarita de Navarra (1492-1549) para um de seus livros, o Heptamerón. Em “Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein”. Diz que no Seminário VII manteve a mão apertada no invisível, de outra Marguerita, a do Heptamerón. Lá ele fala sobre o Romance X, que tomarei tangencialmente, uma história de um amor impossível com final trágico no século XVI, o romance de Amadour e Floride, que hoje tem comentários diversos (Lacan, Porge, Rabaté e outros) além a do historiador Lucien Febvre. A rainha de Navarra era uma autora libertina? A escritora de um tratado místico? Setenta e dois romances narrados ao

ritmo de dez por dia, o francês Decameron, que ao longo da sua vida não conseguiu concluir.

Este livro foi roubado por uma pessoa de seu serviço, publicado com outro título e adulterado, depois melhorado em outra versão, mas também censurado. Somente em meados do século XIX foi encontrado um texto confiável. Passou da integração do gênero do erótico e do cômico ao cânone literário, alcançando um certo equilíbrio entre o espírito travesso e as convenções do amor cortês.

O romance é sobre cinco cavaleiros e cinco damas, que chegam em diferentes grupos a uma abadia perto dos Pirineus em busca de refúgio das enchentes, passando por perigos e outros tendo perecido na tentativa. Ficam isolados durante dez dias durante os quais decorrerá a construção de uma ponte e escolhem como passatempo para não se aborrecerem, um local no prado onde possam contar histórias. Essa é a estrutura em que os romances são narrados. Ao contrário do Decameron, o slogan é que as histórias sejam narradas com base em eventos ocorridos, e ao final de cada história há um diálogo entre os participantes moderado pelo Parlamento. Foi possível identificar vários dos personagens, com base em anagramas e pequenas deformações dos nomes e Parlamento como a própria Marguerita. Algumas edições do Heptamerón continham uma vinheta erótica no início de cada romance. Lacan adverte que os contos operam um efeito de censura sobre os leitores, que não se detêm nos diálogos finais onde reside a riqueza do livro.

Margarita é dupla. Há uma mundana, que anda pelos corredores dos palácios e outra mística cristã que tomou partido pela Reforma. Bispos e frades franciscanos são apresentados como os piores vilões deste livro. Marguerita como Montagne condena a crueldade do teste de amor que espelhava a lógica do sacrifício em uma era teológica. Margarita na novela X, encarna a personagem de Floride. Margarita é uma flor e o Amador da história é o almirante Bonnivet. Comandado pelas tropas de Francisco I da França, irmão de Margarita que lutava pela Itália com o imperador Carlos V, foi massacrado junto com seu exército na batalha de Pavia (1525). Desintrição pulsional: a morte.

Um amor impossível entre uma rainha e um plebeu, mas não platônico, se rompe a face da cortesia com tentativas de estupro. Não vou me deter na sábia reflexão de Parlamento no diálogo final. Na novela ele se suicida em combate para defender a fé e ela entra para um convento do Coração de Jesus.

Lacan no final de Kant com Sade diz: “É o caso, por exemplo, do desfavor com que, um tanto apressadamente foram atingidos todos os objetos propostos como bens, por serem incapazes de harmonizar das vontades: simplesmente por introduzirem nelas competição . Como Milão que Carlos V e Francisco I souberam o que lhes custou, por ambos verem nela o mesmo bem. Isso equivale a desconhecer o que acontece como objeto do desejo. E quanto ao desejo, também não há acordo de vontades, cuja imagem irrisória Lacan dá com a “Parábola do Cego” de Brueghel, onde o tropeço do primeiro corresponde à queda dos que o seguem na procissão.

Posso então voltar à questão: será que Eros conseguirá prevalecer contra Tanatos de uma vez? Não, se não há lugar para a falta, a ocasião para haver o desejo.